



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA**

**RÔMULO PROCÓPIO GONDIM DOS SANTOS**

**O CUIDADO DE SI E AS RELAÇÕES COM OS OUTROS NA FILOSOFIA DE  
MICHEL FOUCAULT**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

**RÔMULO PROCÓPIO GONDIM DOS SANTOS**

**O CUIDADO DE SI E AS RELAÇÕES COM OS OUTROS NA FILOSOFIA DE  
MICHEL FOUCAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador (a): Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237c Santos, Rômulo Procópio Gondim dos  
O cuidado de si e as relações com os outros na filosofia de  
Michel Foucault [manuscrito] / Rômulo Procópio Gondim dos  
Santos. - 2016.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,  
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia moderna. 2. Hermenêutica do sujeito. 3. Michel  
Foucault. I. Título.

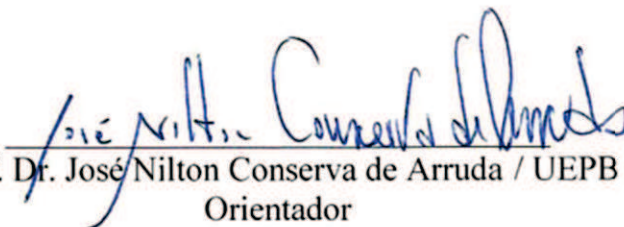
21. ed. CDD 190

**ROMULO PROCÓPIO GONDIM DOS SANTOS**

**O cuidado de si e as relações com os outros na filosofia de Michel Foucault**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 11/04/2016.

  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Orientador

  
Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB  
Examinador

  
Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB  
Examinador

Dedico este trabalho com todo amor e carinho à minha mãe, mulher guerreira, que me criou e sempre esteve presente na minha vida, me ajudando a vencer todas as batalhas.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pois se não fosse o esforço dela para me criar, sempre esteve presente na minha vida, me ajudando a vencer muitos obstáculos dessa vida.

À minha tia Gilma Medeiros, que sempre ajudou minha família, sempre acreditou no meu potencial, ela sempre foi muito importante para mim.

Aos poucos, porém importantes amigos que fiz durante minha graduação de Filosofia, em especial Fábio Alves, um irmão que ganhei no curso; Raquel Roseno, uma pessoa admirável, lembro sempre de nossas conversas; minha querida amiga, que adoro e amo muito, Brunna Guimarães uma pessoa tão importante pra mim, que não sei nem escolher as melhores palavras para adjetivá-la; minha linda amiga Brysa, minha Brysinha linda, lembro como se fosse hoje o dia que conhecemos, uma amizade a primeira vista que extrapolou os muros da universidade, pois ganhei uma irmã.

Ao meu orientador professor Dr. Nilton Conserva, minha maior referência dentro do curso de Filosofia, me orientou com muita paciência e dedicação, na indicação de muitas referências para a execução deste trabalho.

Ao professor Dr. Antônio Carlos Magalhães, grande professor de Antropologia Filosófica, aceitou com muito carinho participar da minha banca.

Ao professor Dr. Júlio César Kesting, professor que admiro bastante, gostava muito de suas aulas de Metafísica, aceitou carinhosamente participar da minha banca.

Ao Treze Futebol Clube, meu time do coração, me deu muitas alegrias através de suas conquistas, mas que atualmente não está em sua melhor fase, me ajudou bastante a extravasar os momentos de estresse que passei durante todo o processo de pesquisa e escrita, que apesar de ser sangrento, é, ao mesmo tempo, prazeroso.

*“O princípio da obra de arte, do qual se deve cuidar, o principal campo ao qual se deve aplicar valores estéticos, é o si mesmo, a própria vida, a própria existência.”*

(Michel Foucault)

## O CUIDADO DE SI E AS RELAÇÕES COM OS OUTROS NA FILOSOFIA DE MICHEL FOUCAULT

Rômulo Procópio Gondim dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a terceira fase do pensamento de Michel Foucault, que desenvolve uma reflexão sobre a construção possível de uma ética. Nesse sentido, vamos analisar como Foucault, na *Hermenêutica do Sujeito*, se volta para a cultura clássica, mais precisamente, para os gregos, onde se percebe como se dá a ética do cuidado de si como prática da liberdade. Para isso, vamos trabalhar em dois capítulos norteadores. No primeiro propomos fazer uma discussão sobre as relações de si consigo mesmo, como também, analisar a máxima socrática do “cuida-te de ti mesmo”, a fim de perceber que dentro deste preceito, estão constituídas várias práticas de si, pois cuidar de si, já implica no conhecer a si mesmo. No segundo momento, vamos perceber como se dão as práticas de si nas relações com os outros, sobre a qual cuidar de si também é refletir para melhor governar a polis, a casa a comunidade. Assim, o *ethos*, que é a maneira de ser e de se conduzir, também implica nas relações com os outros.

**PALAVRAS- CHAVE:** Cuidado de si. Hermenêutica do sujeito. Cuidado dos outros.

### INTRODUÇÃO

Nosso foco de análise no pensamento de Foucault está voltado para o terceiro momento de sua obra, aos cuidados de si para a constituição de um sujeito ético, e suas relações com os outros. Nesta terceira fase de pensamento do filósofo, temos na *Hermenêutica do Sujeito*, curso ministrado em 1982, publicado em livro, junto com os II e III volumes da *História da Sexualidade*<sup>2</sup>, a preocupação de Foucault em problematizar as práticas do cuidado de si e do trabalho sobre si, na cultura Greco-romana, onde o autor faz uma genealogia da ética.

A relação das práticas de si é entendida como um dever, isto é, cuidar da alma, com a verdade e com a razão a partir das experiências. Nesse aspecto, Foucault analisa as práticas que levaram os sujeitos a voltarem para si próprios, de modo que executem um exercício prático na busca da virtude, o que não vem a ser uma moral de renúncia, mas, sobretudo, um exercício de si sobre si mesmo, em que o próprio sujeito se elabora, se afirma e se transforma,

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

E-mail: romulogondim13@bol.com.br.

<sup>2</sup> Parte do trabalho original de Foucault era entender como a sociedade ocidental moderna, se constitui como experiências, de modo que os indivíduos se reconheçam como sujeitos de uma “sexualidade”, a partir da correlação entre os campos de saber, tipos de normatividade e as formas de subjetividade. No entanto, remonta ao mundo Greco-romano, para analisar a luta aberta entre o que se diz e o que se faz. Trata-se de uma História das formas de subjetivação moral e das práticas de si que estão destinadas a assegurá-las. Trata-se, portanto, da História das diferentes formas de relações de si consigo mesmo, denominado por Foucault de ética.



para atingir um modo de ser sobre o mundo. Porém, o trabalho sobre si mesmo, não deve ser entendido como cuidar de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve neste mundo, praticando as melhores ações. É interessante ainda destacar, que Foucault não trata a problemática do cuidado de si como sendo uma prática de liberação, pois, se assim fosse, remeteria à ideia de uma essência humana, aprisionada ao longo da história por mecanismos de alienação e repressão, se caso fosse tratado do ponto de vista da liberação, bastava apenas se libertar e buscar a sua natureza, conciliando consigo mesmo no encontro com a sua origem. Mas não se trata disso, mas sim, das práticas de liberdade, que para Foucault, são realmente, necessárias. Desta maneira fala Foucault que:

Sobre isso, eu seria um pouco mais prudente, sempre desconfiei um pouco do tema geral da liberação uma vez que, se não tratarmos com um certo número de precauções e dentro de certos limites, corre-se o risco de remeter à ideia de que existe uma natureza ou uma essência humana que, após um certo número de processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos, e por mecanismos de repressão. (FOUCAULT, 2012, p.259).

Deste modo, o autor enfatiza que não basta a prática de liberação, mas sim as práticas de liberdade que se sucedem e são necessárias, pois liberdade é a ordem dos ensaios, das experiências, dos inventos, criados pelos próprios sujeitos, que tomam a si mesmo como prova. Já os processos de liberação, são baseados na ideia de uma essência, de uma natureza humana que foi enraizada pela sociedade, pelos mecanismos de alienação e repressão. Dessa forma, abolir tais mecanismos, possibilita o homem encontrar-se consigo mesmo. Assim, as lutas de liberação, passam a ocupar um lugar importante para a prática da liberdade, principalmente se as relações de poder forem analisadas pelo viés do estado de dominação, caracterizado pela rigidez das relações de poder e por instrumentos econômicos e políticos.<sup>3</sup>

Foucault afirma que é no mundo grego e romano, mais precisamente no mundo grego, que a liberdade individual foi primeiramente pensada como ética. O que nos permite dizer que para que se conduzir bem, é necessário cuidar de si. Assim, o sujeito deve conhecer a si mesmo, superar a si mesmo para dominar e controlar suas paixões, emoções, desejos e ambições que poderiam controlá-lo. É interessante a forma de como o autor vai tratar o tema, porque Foucault diz que o cuidado de si era muito importante para os antigos gregos, de tal modo que a preocupação com a liberdade durante oito séculos fora um problema essencial.

---

<sup>3</sup> Para Foucault, em entrevista publicada na obra *Foucault: ética, sexualidade e política*, o exercício das práticas de liberdade exige um certo grau de liberação, em que nas análises das múltiplas relações de poder, encontram-se estados de dominação. Assim, as relações de poder, deixam de ser móveis e passam a se cristalizar. É nesse sentido que a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas pelas práticas de liberdade. Em certo número de casos, Foucault também diz que a luta pela liberação, são indispensáveis para a prática da liberdade. Exemplifica que na ordem da sexualidade, é liberando o desejo que o sujeito saberá conduzir eticamente nas relações de prazer com os outros.

Todavia, no mundo antigo “a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: “cuida-te de ti mesmo”. (FOUCAULT, 2012, p. 262). Destarte, todas as técnicas do cuidado de si estão reorganizadas segundo Foucault, em torno do “conhece-te a ti mesmo” socrático, onde Sócrates incita os outros a se ocuparem consigo próprios.

Na aplicação geral do “conhece-te a ti mesmo” inserem-se preceitos como: “é preciso que ocupes contigo mesmo, que não se esqueça de ti mesmo, que tenha o cuidado de ti mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 06), o “conhece-te a ti mesmo” socrático a partir do momento em que implica no cuidado de si a partir de práticas para uma ética de si próprio, estuda, a formação de uma *Hermenêutica de Si*, sobre a qual se pergunta em quais jogos de verdade o homem deseja se auto conhecer como sujeito de suas próprias ações.

O cuidado de si nas relações com os outros, não se limita a uma relação egoísta sobre si mesmo, numa negação do outro, mas, implica sobretudo, conhecer a si para saber relacionar melhor com os outros. É nesse sentido que o cuidado de si em Foucault, desempenha um papel fundamental no contato com o outro, a fim de se relacionar adequadamente. Assim, o outro é um elemento muito importante nessas práticas do cuidado de si, porque os sujeitos tanto afetam, mas também são afetados pelos outros sujeitos nas relações de poder, saber e governabilidade, portanto, o outro também nos constitui. Deste modo, Foucault analisa o caso de Alcibíades, destacando o momento em que este não sabia o que era o bem para a cidade, daí a exigência de que ele deveria ocupar-se consigo próprio, para doravante ocupar-se com seus concidadãos. Destarte, cuidar de si implica em relações complexas com os outros, haja vista que o “ethos” da liberdade não se desliga do cuidado dos outros. Então, Foucault mostra que a liberdade é uma prática relacional, sendo também uma maneira de cuidar dos outros. Isto implica dizer que saber conduzir a si próprio adequadamente, exige saber conduzir sua casa, seus filhos, saber lidar com pessoas no ambiente de trabalho, nas relações afetivas, e na cidade para que se possa tomar as decisões certas para conduzir a cidade. Portanto, as relações com os outros se torna fundamental para constituir a si mesmo enquanto sujeito. Assim, “o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade [...], além disso, o cuidado de si implica também nas relações com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si é preciso ouvir as lições de um mestre”. (FOUCAULT, 2012, p, p. 265).

## AS RELAÇÕES DE SI CONSIGO MESMO

A preocupação do filósofo Michel Foucault em toda a sua obra, é entender como os sujeitos entram nos jogos de verdade. Dessa maneira, com as publicações dos II e III volumes da *História da Sexualidade*, respectivamente *O uso dos prazeres* e o *Cuidado de Si*, o autor propôs fazer uma genealogia da ética ocidental, ao investigar como se davam as relações de cada um consigo próprios. Inicialmente, Foucault pretendeu centrar seus estudos em torno da sexualidade do século XIX, porém, sentindo a necessidade de deslocar o foco para a antiguidade Greco-romana, pois julgava como sendo o ponto de partida para investigar como o uso da palavra *sexualidade*, mas também o crescimento de toda uma problemática em torno do sexo, numa estreita conjunção com os saberes médicos, jurídicos, sociológicos, biológicos etc, contribuíram para a formação do sujeito moderno.

Nos seus estudos sobre a ética Foucault percebeu que através dos séculos, a sexualidade nunca foi problematizada, mas sim o *desejo*. Desejo não tomado como uma invariante da sexualidade, que assumiria diferentes formas históricas. Por assumir essa perspectiva, submeteu a noção de *homem do desejo* a um trabalho crítico. Foucault percebeu que, tanto a teoria clássica da sexualidade, que tem como modelo a doutrina cristã, quanto a que se opõe a ela, que tem como modelo a teoria psicanalítica, ambas identificam sexualidade e desejo, daí a necessidade de produzir um trabalho mais crítico. A sexualidade interessa para Foucault “como um grande sistema de interdições, no qual somos levados a falar sobre nós mesmos” (VEIGA NETO, 2007, p. 80), portanto, como um caminho de experimentar a subjetivação como seres do desejo. Assim, o filósofo produziu uma genealogia em que analisa as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestarem atenção a si próprios, estudando desde a antiguidade clássica a formação de uma hermenêutica de si, ao questionar em quais jogos de verdade o homem do desejo se constitui. Na *Hermenêutica do sujeito*, o autor mostra como os sujeitos se constituem nesses jogos, não a partir de práticas coercitivas, mas sim mostrando como os sujeitos se constroem a partir de diversas relações de si para consigo.

Buscando entender porque o sexo e a sexualidade fazem parte do campo da moral em nossa sociedade, Foucault procura definir as condições que levam o ser humano a problematizar tanto o que ele mesmo é, como também o mundo em que vive. Nesse sentido, foi em torno da cultura de si, com seus diversos temas e práticas, que se desenvolveu na antiguidade clássica, toda uma reflexão sobre a moral dos prazeres. Esta reflexão está bem além das proibições ou das interdições dos prazeres, e o uso que dele deve ser feito, haja vista

que o que marca essa cultura de si, é a intensificação da relação que se estabelece para consigo mesmo, de modo que o indivíduo se constitua como sujeito de seus próprios atos. As análises feitas por Foucault, possibilitam entender como se dá a relação de cada indivíduo consigo próprio, assim como dá possibilidade de entender como emerge e se constitui a própria subjetividade moral dos indivíduos.

A questão dos prazeres sexuais, dos cuidados que se deve ter com o próprio corpo e com a alma, o respeito que deve ser dispensado a si próprio, mostra uma preocupação com o caráter moral dos indivíduos, ou seja, o conjunto de atitudes e modos de ser, agir, manifestar, devem ser realizados por si mesmos, para que possibilite ao indivíduo se constituir como sujeito moral das próprias ações. É nesse sentido, que a preocupação do caráter moral dos indivíduos na cultura Greco-romana, estavam no centro das questões do cuidado de si. O cuidado de si se inscreve como uma fórmula, sobre a qual emerge e se constitui o sujeito a partir de diversas práticas de liberdade, assim como a partir das regras e leis vigentes na sociedade. Isto possibilita aos indivíduos realizarem uma série de exercícios sobre si mesmos, elaborando uma *Estética da Existência*, ou simplesmente fazer da vida uma obra de arte.

Assim, o cuidado de si e suas práticas, se tornam fundamentais para se tenha uma boa conduta de vida, sobre a qual possa agir de forma sábia, para evitar que o indivíduo ultrapasse os limites do poder vigente em determinada instituição, ou abusar desse poder sobre os outros indivíduos, até mesmo evitando vícios. Assim, a *estética da existência*, pode ser caracterizada como um momento de formação da subjetividade e de conduta ética. É estética na medida em que se busca uma forma de estilização das atitudes, da própria existência, cujo valor moral não se vincula à conformidade com um código de conduta preestabelecido, mas sim diz respeito ao modo como o indivíduo trabalha a sua própria existência, transformando a si mesmo e a sua própria existência, a partir de princípios morais e estéticos. Assim:

Na antiguidade, essa elaboração do si e sua conseqüente austeridade não são impostas ao indivíduo pela lei civil ou pela obrigação religiosa; trata-se, ao contrário, de uma escolha feita pelo indivíduo para a sua própria existência [...]. Temos apenas uma vaga lembrança da ideia, em nossa sociedade, do princípio da obra de arte, de que o princípio da obra de arte, do qual se deve cuidar, o principal campo ao qual se deve aplicar valores estéticos, é o si, a própria vida, a própria existência. (DREYFUS, HUBERT L; RABINOW, PAUL, 2010, p. 317).

Falar nas relações de si consigo mesmo, *Epiméleia heautoû*, é trabalhar com uma palavra de muito poder na antiguidade clássica, segundo Foucault, pois ela significa trabalhar ou estar preocupado com alguma coisa. Assim, “é, portanto, uma palavra muito poderosa, que descreve uma espécie de trabalho, de atividade; implica uma atenção, um conhecimento e uma técnica” (DREYFUS, HUBERT L, 2010, p. 315). Para Foucault, são nas relações de si

consigo próprio que os sujeitos se constituem em seres que refletem, pensam, agem, afirmam-se e transformam-se, de modo que possibilitem constituírem-se a si enquanto sujeitos de seus próprios atos. Então, “preocupar-se consigo mesmo”, era para os gregos uma das principais regras de condutas, tanto individual, como no âmbito social. É interessante esta questão, porque remete a um conjunto de práticas do cuidado de si, que podem ser constituídas nas práticas de purificação, nos exercícios de memorização de princípios, nos cuidados com o corpo, nos exercícios físicos sem excesso, nos regimes de saúde, na satisfação das necessidades, nas meditações, nas leituras, nas conversas com um confidente, amigo, guia. É assim que as práticas dos cuidados de si se constituem como prática social, pois permite ao indivíduo efetuar seja sozinho, seja com a ajuda de outrem, operações sobre seu corpo, sobre sua alma, seus pensamentos, enfim, sobre seu modo de ser. A noção de “*epimeleia heautou*”, que era uma prática bastante antiga, remetendo à Grécia arcaica, se ampliou, chegando a tomar diversos caminhos e modificações, prática bastante comum tanto na Grécia clássica, helenista, mas também em todo o mundo romano, chegando até a espiritualidade cristã. Assim, percebemos que o ocupar-se consigo mesmo aparecera bem antes de Sócrates, mas que é a este que Foucault dá mais ênfase, porque é na figura de Sócrates, que o cuidado de si se desenvolve, pois, ele era aquele que tinha como tarefa interpelar as pessoas a se ocuparem consigo mesmas. Nesse sentido diz Foucault:

Enfim, faço essas indicações que antes mesmo da emergência da noção de *epiméleia heautoû* no pensamento filosófico de Platão, está atestada, de modo geral e, particularmente nos pitagóricos, uma série de técnicas que concernem a algo como o cuidado de si. (FOUCAULT, 2010, p. 46).

Podemos perceber esta questão na *Apologia de Sócrates* (2013) durante o julgamento de Sócrates, ao ser condenado a morte e fazendo sua defesa, afirma que “por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma” (PLATÃO, 2013, p.72). Então, ao se defender, mostra que se deve preocupar menos com bens materiais, para se preocupar consigo mesmo. Assim, Foucault observar que:

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência. (FOUCAULT, 2010, p. 9).

O cuidar de si significa um exercitar a si próprio, de modo que se possa constituir um novo modo de ser, que deve ser praticado por toda a vida. Na medida em que Sócrates diz que o cuidado de si deve ser implantado na carne, ele está dizendo que o conjunto de técnicas sobre si, tem como finalidade transformar toda a vida, pois se constitui numa prática diária. O

cuidado de si era uma prática que poderia também ser ensinada, e coube a Sócrates esta tarefa, ou seja, a de despertar os seus concidadãos atenienses a cuidarem de si. Cuidado de si significa viver filosoficamente, de modo que tanto jovens como os mais idosos, possam comandar a suas ações, conhecendo o bem, a fim de evitar os vícios. Para Sócrates, viver filosoficamente significa ter autoridade moral para decidir sobre as ações que se deve praticar.

É interessante enfatizar que quando se fala em cuidado de si, fala-se no cuidado da alma, o cuidado da alma tinha no mundo grego uma função terapêutica. Dessa forma, Sócrates pode ser concebido como um autêntico médico, que não se preocupa com a saúde física, mas sim com a saúde interior. Dialogando com Marilena Chauí (2002), a autora diz que a medicina grega exerceu influência no pensamento de Sócrates. A partir do momento em que o médico grego elabora uma série de perguntas a fim de fazer com que o paciente se lembre das origens de sua enfermidade, o ato de lembrar, é o primeiro passo para obtenção da cura. Na medida em que o paciente falava para o médico o que sentia, facilitava o trabalho, pois possibilitava indicar os caminhos para o paciente buscar a cura, assim, torna-se indispensável que o paciente participe da cura. Nesse aspecto, “o doente era, na companhia do médico, um agente da saúde” (CHAUÍ, 2002, p. 189), na medida em que contava, dava ao médico a possibilidade de diagnosticar, pois o médico produzia um saber acumulado do histórico sobre a cólera do paciente. É este aspecto dialógico e participativo da medicina que será empregada na filosofia de Sócrates.

Na obra “Paideia”, o autor Werner Jaeger (2013), mostra Sócrates, que assim como um médico, faz do cuidado de si o cuidado da alma como uma missão também educacional, haja vista que interpretar a si próprio, é cuidar do que há de mais divino no homem. Por tal fator, a alma se distingue do corpo de uma forma hierárquica, porque de forma “claramente graduada, que coloca no plano cada vez mais elevado os bens da alma, em segundo lugar os bens do corpo, e no grau inferior os bens materiais como riqueza e poder”. (JAEGER, 2013, p. 528). Assim, as experiências da alma como fonte suprema dos valores na antiguidade, fizeram com que a virtude e a felicidade se deslocassem para o interior do homem, em relação às necessidades materiais passaram a ter cada vez menos importância. Nesse sentido, enxergamos tanto essa função pedagógica quanto medicinal do cuidado de si, como diz Chauí, “o diálogo é a medicina socrática da alma.”.

Viver filosoficamente é conceber a filosofia como terapia da alma. Esta é uma questão interessante, porque o que se percebe na filosofia tanto de Sócrates como na de Platão, são as práticas de si dos mais antigos, dos pitagóricos, mas que foram submetidas a uma reorganização. Ao fazer referência ao Fédon, Foucault mostra que está atestado em Platão,

tanto a questão de que o filósofo deve “tomar a alma em suas mãos”, como também atesta a prática do isolamento, do retiro de si. Observamos também no *Banquete*, quando Agáton pede a um escravo que chamasse a Sócrates, que se encontrava parado sozinho, junto ao portão de uma casa vizinha, para que ele também participasse do banquete em sua casa<sup>4</sup>. No Entanto, Sócrates se mostrava imóvel, tendo a capacidade de permanecer só, passivo em relação a tudo aquilo que acontecia ao seu redor, até que Aristodemo retruca Agáton, dizendo que aquilo era velho costume, então, pede a Agáton, que ordene para que o escravo deixe Sócrates em paz. Este é um dos exemplos de como as práticas de rigidez, de contração da alma, são constituídas como formas de controle dos desejos, do controle das tentações, portanto, do controle de si. Nesse pressuposto, Foucault percebe a reorganização profunda das tecnologias do eu comuns e antigas, na rigidez da alma, na filosofia socrático-platônica porque “a alma, o sopro, é algo que pode ser agitado, atingível pelo exterior. É preciso evitar que a alma, esse sopro, esse *pneûma* se disperse” (FOUCAULT, 2010, p. 44). Este é um dos muitos exemplos de conjuntos de práticas que já existiam desde a civilização da Grécia arcaica, que serão reencontradas até a época romana de nossa era, mais precisamente nos séculos I e II.

Outro exemplo que podemos referenciar no *Banquete*, diz respeito ao discurso de Sócrates sobre o amor de Eros. Sócrates para fazer o seu discurso, cria o personagem Diotima, uma mulher nascida em Mantinéia. Este personagem é criado para que Agáton não se sentisse ofendido, assim Sócrates como se faz de modesto para ensinar a simplicidade e a modéstia, Sócrates afirmasse diretamente o seu discurso. Assim, Diotima ao questionar a aparência de Eros, afirma que este deus não pode ser belo ou bom, pelo fato de que amor signifique desejar aquilo que falta. Então Eros não pode ser bom ou belo pelo fato dele desejar essas coisas. Nesse sentido, Eros é colocado num lugar intermediário entre mortal e imortal, como um gênio grandioso, que medeia entre o deus e o ser mortal, de modo que preencha o vazio. Isso nos permite dizer que Eros também permeia entre a sabedoria e a tolice, pois, segundo as palavras de Diotima, nenhum deus deseja ser sábio, pois na condição de deus já o é. Diotima, no entanto diz que “quem é sábio não filosofa; nem deseja ser sábio...” (PLATÃO, 2013, p. 140).

Portanto, através de seu discurso, Sócrates mostra que é verdadeiramente filósofo aquele que reconhece o seu não saber, pois filósofo está num lugar intermediário entre os sábios e os ignorantes, a partir do momento em que são não sábios reconhecedores de sua não sabedoria. É assim que no *Banquete* o “verdadeiro filósofo é aquele que sabe nada saber, que

---

<sup>4</sup> Diálogo entre Agáton e Aristodemo, pg. 99.



sabe que não é sábio nem não sábio” (HADOT, 2014, p. 79). Então, Diotima diz que existem duas categorias de seres que não filosofam, a primeira corresponde aos deuses e sábios, por já serem sábios, segundo os ignorantes por acreditarem que são sábios.

Percebemos também que o amor aparece como desejo de fecundidade. Assim, a sabedoria é uma das mais belas formas de amor que existe em Eros. Nesse sentido, a filosofia é concebida como uma forma de vida pautada em meditar em “discursos sobre a virtude”, sobre o que deve ser o homem e o que ele deve tratar. Ao dialogar com Hadot (2014) sobre tal questão vimos que:

Aqueles cuja fecundidade reside no corpo procuram se immortalizar gerando filhos; aqueles cuja fecundidade reside na alma procuram immortalizar-se em uma obra de inteligência, seja ela literária ou técnica. A mais alta forma de inteligência é o domínio de si e da justiça e ela se exerce na organização das cidades e em outras instituições (HADOT, 2014, p. 90).

Sócrates é a figura central utilizada por Foucault para esclarecer a noção de cuidado de si no mundo antigo, ele é apresentado pelo pensador francês como anunciador e profeta do cuidado de si. Assim, Foucault analisa a figura de Sócrates, para demarcar a sua tarefa de encontrar e trazer à luz da discussão filosófica e constituidora de subjetividades, o cuidado de si,

Uma questão a se observar é que as apropriações que Foucault fez de Sócrates não foram por mero acaso, mas estavam de acordo com o contexto em que Atenas se inseria. Nesse sentido, o apogeu ateniense, mais precisamente no século de Péricles, se deu a partir do momento em que a filosofia se deslocou das colônias gregas da Ásia Menor, para a Grécia continental, na região onde se situa Atenas, em que na vitória ateniense sobre os persas, durante a segunda Guerra Médica, teve como consequência a criação da Liga de Delos em 478 a.C, Atenas se transformou na Cidade Estado hegemônica do mundo grego, se consolidando tanto na política, como também na democracia, assim como no âmbito militar. Nesse pressuposto:

Sócrates nasceu numa época em que Atenas se tornava uma potência política, econômica e militar, a cidade-estado hegemônica da Grécia. O século que o viu nascer foi o “século de Ouro” da Hélade, o “século de Péricles”, em que, num curto lapso de tempo, surgiram quase concomitantemente personalidades que marcariam indelevelmente a história da humanidade no campo das artes, da filosofia, da oratória, da política, das ciências naturais. (CLARET, 2005, p. 12).

Todo esse período de mudanças teve como consequência transformações no que tange à reflexão filosófica, iniciada ao mesmo tempo com os sofistas e Sócrates. Porém, Sócrates é aquele que vai deixar de se preocupar com a natureza e a cosmologia para ter como foco a



preocupação com o cidadão e com a virtude. É nesse cenário de mudanças que Sócrates vai tratar da política, ética e teoria do conhecimento, haja vista que o filósofo grego é uma figura emblemática e central nas denúncias de uma sociedade que pouco a pouco via seus valores se perdendo. Assim, Sócrates de maneira, digamos quase profética, tem como missão anunciar, derrubar, conduzir e conduzir-se em sociedade. Nesse sentido:

A missão de Sócrates é missão divina. Ele próprio declara que fora incumbido pelo deus a sempre e em todo o lugar levar os homens a voltarem o olhar para si, missão que ele obedeceu até o fim e que no final lhe valeu o prêmio da própria morte como oferenda em nome do chamado à inquietação do cuidado de si de seus concidadãos. (BENEDITO DE OLIVEIRA, 2011, p. 24).

Sócrates se configura como ator principal da incursão teórica de Foucault, devido ao fato de que o preceito délfico *conhece-te a ti mesmo*, a partir dele vai aparecer no sentido filosófico. Destarte, Foucault busca entender o modo pelos quais os sujeitos vão entrar nos jogos de verdade, não mais a partir de regimes de comportamentos sexuais, mas, sobretudo, a partir da noção de cuidado de si. Uma questão a ressaltar é que antes de Sócrates, o “*conhece-te a ti mesmo*” possuía apenas um único sentido, o religioso, atribuído ao culto de Apolo. Já em Sócrates, o exame de si deixa de ser uma tarefa realizada apenas quando se vai consultar o oráculo, passando a ter um caráter público, pois é ele próprio que interpela os homens ao exame, ao conhecimento de si.

Dessa forma, o “*conhece-te a ti mesmo*” passa a ter outro significado, pois “quando surge este preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está algumas vezes e de maneira muito mais significativa, acoplado, atrelado ao princípio do “cuida de ti mesmo” (epimeloû heautoû)” (FOUCAULT, 2010, p. 6), aparecendo tanto em alguns textos subordinados ao cuidado de si, como em outros textos como uma consequência coextensiva do cuidado de si. Quando Foucault faz esse retorno ao mundo grego, objetivando entender as relações do sujeito com a verdade através do cuidado de si, mostra que o preceito délfico aparece na filosofia e no pensamento filosófico nos personagens de Sócrates, atestado nos *Memoráveis* de Xenofonte e em alguns textos de Platão, nos quais sua preocupação é o sujeito, o que este sujeito está fazendo de sua vida e no que ele está se transformando. Foucault analisa como os gregos processam as formas de melhor conduzir a vida, para que esta se torne cada vez mais bela e feliz.

Assim, a figura de Sócrates assume tamanha relevância, porque é a partir dele que o cuidado de si passa a ganhar o domínio das atividades da vida cotidiana, isso corresponde ao caráter filosófico do cuidado de si, logo, a preocupação central passa a ser o cuidado que deve ter consigo mesmo para melhor conduzir a vida.

O “conhece-te a ti mesmo”, formulado por Sócrates, está associado a outro princípio, o de cuidar de si, que se encontra implícito em toda a cultura grega e romana, e explicitamente no “*Alcibiades I*”, de Platão. Na *Apologia de Sócrates*, de Platão, vemos que Sócrates até sua morte era aquele que tinha por missão fazer os homens olharem para si mesmos, a terem cuidado consigo e não descuidarem de si mesmos. Nesse aspecto, se percebe que o conhecimento de si aparece subordinado ao preceito cuidado de si, sobre a qual se formulou a regra do “*conhece-te a ti mesmo*”. Assim Foucault nos mostra que:

No quadro mais geral da *epimeleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueça de ti mesmo, que tenha cuidado contigo mesmo. É nesse âmbito, com o que no limite desse cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”. (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Foucault retoma três passagens da *Apologia de Sócrates*, que mostra Sócrates como aquele que incita os outros a cuidarem de si. No primeiro exemplo, quando Sócrates é censurado por estar em uma situação que deveria se envergonhar, pois na condição de cidadão ateniense, (cidade Estado mais importante do mundo grego), é acusado de não ter vergonha de não se preocupar em adquirir riqueza, Sócrates interpela seus acusadores da seguinte forma: “ocupai-vos com tantas coisas, com vossa fortuna, não vos ocupai com vós mesmos” (FOUCAULT, 2010, p. 7). No segundo exemplo, retomando o tema do cuidado de si, dizia que se os atenienses o condenassem, eles não teriam mais ninguém para ensiná-los a ocuparem-se de si com suas virtudes. Já no terceiro exemplo, Sócrates propõe para si próprio a pena que ele deveria ser submetido, que por ele ser aquele que incita os outros a ocuparem de si mesmos, para estas darem menos importância a cargos ou bens materiais em detrimento da alma. Assim, clama para que sua pena não seja nenhum castigo, mas sim um bom tratamento, isto era o que deveria ser feito caso os acusadores fossem justos.

Ao relacionar mais especificamente a questão do cuidado de si dos sujeitos com a verdade, observamos como o cuidado de si aparece no modo de como os sujeitos gregos vão se relacionar com a verdade, na produção de subjetividades. Isto implica a dizer que a verdade nunca será dada para o sujeito, mas sim, como já havíamos falado em outro momento, a partir de um jogo de relações, mas o sujeito é quem estrutura o próprio conhecimento. Sócrates, como um mestre do cuidado de si, como é apresentado na *Apologia*, nos mostra que o seu não saber, se configura tanto na atenção consigo mesmo, assim como em despertar nos outros a ignorância de suas próprias verdades, observemos:

Daí veio o ódio de muitos dos presentes contra mim. Então, pus-me a considerar, comigo mesmo, que eu sou mais sábio do que esses homens, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe de nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. (PLATÃO, 2013, p. 62).

Esta passagem pode exemplificar a relação de Sócrates com a verdade, porque ele afirma ser o mais sábio entre os homens, justamente porque tem a consciência de que nada sabe. Nesse pressuposto, o próprio Sócrates, ao mesmo tempo volta o olhar para si, conhece a si mesmo e a sua ignorância. Logo, ele tem que tomar o cuidado de não julgar ser possuidor de um saber que não possui. Ao mesmo tempo que ele faz esse jogo de si consigo próprio, põe em exame seus próprios interlocutores. Todavia, ele volta primeiro para si, depois para o encontro do cuidado dos outros. Dessa forma, Sócrates quer despertar nos sujeitos a ignorância que cada um tem sobre si mesmo, convidando-os a terem esse cuidado, conhecimento e atenção para consigo mesmos. Esse cuidado de si socrático, corresponde na relação do sujeito com a verdade, que “jamais é dada em pleno direito” como disse Foucault, mas o ato do sujeito buscar práticas de experiências, nomeadas por Foucault como espiritualidades”, que se tratam de “buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência...” (FOUCAULT, 2010, p. 15) que passam a ser verdades que transformam e moldam as subjetividades dos sujeitos, mas no sentido de que “na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o próprio sujeito, que completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura” (FOUCAULT, 2010, p. 16).

Sumariamente tivemos a possibilidade de mostrar que as relações de si consigo mesmos, comuns em toda a antiguidade clássica, contribuíram para fazer dos sujeitos seres que pensam, refletem, transformam-se, configurando-se em sujeitos de seus próprios atos, para melhor viver, na casa, na cidade e com os outros, que, através do preceito délfico, “conhece-te a ti mesmo” socrático, estão constituídas várias práticas do cuidado de si, pois cuidar de si, já implica conhecer a si. Observamos também, que tais relações se configuram em elementos produtores de subjetividades, sobre a qual a verdade parte do próprio sujeito. Na sequência, vamos fazer algumas considerações, sobre o cuidado de si nas relações com os outros nos diálogos do *Alcibiades*, de Platão.

## O CUIDADO DE SI E O CUIDADO DOS OUTROS

Foucault se apropria do *Alcibiades* de Platão, para discutir o cuidado de si nas relações com os outros. Na aula de 6 de janeiro de 1982 da *Hermenêutica do Sujeito*, ele lembra que a emergência da teoria do cuidado de si, encontra-se nos diálogos de Sócrates com Alcibiades. Todavia, ressalva que a ocupação de si consigo mesmo, não se tratou de uma recomendação de filósofos para jovens que passavam pelas ruas, não se tratou de uma atitude intelectual, mas sim de uma antiga sentença da cultura grega, que remete à espartana. Assim, quando Sócrates retoma a questão da “*epiméleia heutoû*”, retomou uma tradição. Entretanto em Sócrates, o “cuidado de si” passa a ser uma questão central, tratada filosoficamente, não mais de forma corriqueira, mas como um requisito necessário para o governo dos outros.

Ao se interessar pela obra de Platão, Foucault enfatiza os diálogos de *Alcibiades* porque nesses diálogos estão contidos a própria teoria do cuidado de si, foco de preocupação dos estudos do filósofo francês.

No texto do *I Alcibiades*, mostra Sócrates que, mesmo nunca tendo dialogado com Alcibiades, e sabendo de toda a sua vida, sabe que ele é um sujeito nascido em uma família abastarda financeiramente, que se relacionava com pessoas ricas e poderosas, sabe que é belo, portanto, assediado por todos os rapazes, sabe que ele foi aluno de Péricles, este possuidor de bastante autoridade na Grécia. Entretanto, Sócrates apenas se permite aproximar de Alcibiades quando este passa a se interessar pelo outro, pela cidade, desejando voltar-se para o povo, voltando-se para o governo dos outros, se trata de um Alcibiades que não está conformado com seu status atual, um Alcibiades que tanto deseja ampliar seu poder pessoal, por não estar conformado com seus privilégios de nascimento, como deseja possuir amplos poderes na cidade e pelos outros. Assim:

A permissão que o deus concede a Sócrates se dirigir a Alcibiades, neste momento preciso em que Alcibiades propõe-se a dirigir a cidade e o povo, não é algo que se dá por acaso. O momento é propício para o nascimento de um novo tipo de governo, um governo que é diferente de um tipo de governo que Alcibiades aprendeu. (BENEDITO DE OLIVEIRA, 2011, p. 35).

Dessa forma, como diria Foucault, “para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre”. Sócrates se interessa por Alcibiades, não numa relação erótica propriamente dita, mas sim, numa relação erótico-pedagógica, sobre a qual a preocupação de Sócrates, do *outro*, é o que define a figura do mestre em relação ao cuidado de si. Nesse aspecto, podemos dizer que quem está preocupado no cuidado de si, não é Alcibiades, mas sim Sócrates. Contudo, Sócrates diz a Alcibiades: “Queres entrar na vida política, queres tomar a mão e o destino da

cidade, mas não tens a mesma riqueza que teus rivais e não tens, principalmente, a mesma educação. É preciso que reflitas um pouco sobre ti mesmo, que conheças a ti mesmo”. (FOUCAULT, 2010, p. 34).

Esta é uma passagem interessante, pois mostra a função erótico-pedagógica, haja vista que Alcibíades, por ter tido como seu tutor o próprio Péricles, nos faz perceber que a noção de cuidado de si se relaciona com a ineficiência da pedagogia, não do *Alcibiades*, mas trata-se da própria ineficiência da educação de Atenas. É nesse sentido, que o cuidado de si está vinculado ao problema educacional do *Alcibiades*, que comparado à educação de seus rivais, os príncipes espartanos e persas, Alcibíades tem uma educação análoga a de um escravo velho e ignorante, pois, enquanto que os príncipes rivais possuem professores de justiça e sabedoria, Alcibíades não conhece essas coisas, e que por isso não pode se dedicar ao saber. Porém, Sócrates diz que não é tarde demais, e que para que Alcibíades seja concebido como um bom governante, para ter possibilidade de levar vantagens perante seus rivais, ele deveria se preocupar com o cuidado de sua alma, a fim de adquirir sabedoria, o que em Sócrates corresponde a elevar-se ao divino. Isto remete para a questão: qual é o eu com a qual devo me ocupar? Assim, quando se cuida do corpo, não se cuida de si, todavia, o si deve ser encontrado, não num princípio do corpo ou bens materiais, mas da alma, este é o cuidado da prática, não da alma enquanto substância. Então, cuidar de si significa conhecer a si. Isto permite dizer que o esforço da alma em se conhecer, é o princípio da qual a política e a justiça podem se fundar. Assim, Alcibíades só se tornará um bom político, na medida em que contemple sua alma no elemento divino. Deste modo, “quando ele olhar na direção de si mesmo descobrirá o divino; e nele descobrirá, conseqüentemente, a própria essência da sabedoria”. (FOUCAULT, 2010, p. 67).

Sócrates conduziu Alcibíades ao preceito “ocupa-te contigo mesmo”, no momento em que Alcibíades questionou a Sócrates como ele poderia tornar um bom governante. Isso levou Alcibíades a perceber que “ocupar-se consigo mesmo” seria ocupar-se com a justiça. Assim Alcibíades promete aplicar-se à justiça e a se comprometer com ela. Todavia, fica claro que o cuidado de si no diálogo do *Alcibiades* está diretamente relacionado com a política, em que cuidar de si é concebido não somente como um privilégio, mas sim um dever dos governantes. Sobre esta questão afirma Margareth Rago que:

O primeiro aspecto a realçar, o mais evidente, é a correlação entre ética e política. Ambicionando participar da vida pública, Alcibíades é conduzido à imperativa necessidade do cuidado de si, ou do governo de si próprio, condição primeira (de natureza eminentemente ética), para bem governar os outros. (RAGO, 2008, p. 243).

Nesse aspecto, a formação política do *Alcibiades* se relaciona não apenas com a ética do cuidado de si, mas também na relação amorosa com o mestre, numa relação erótica, porém, numa relação erótico-pedagógica, ressaltando que esta relação erótica do discípulo para com o mestre, não tem um sentido sexual. Sobre esta questão, podemos observar que na medida em que Sócrates interpela a Alcibiades, ele quer que este reconheça sua própria ignorância, Fazer Alcibiades reconhecer a própria ignorância, é incitá-lo a prestar atenção a si mesmo. Então, diante da ignorância de Alcibiades, Sócrates questiona:

Então se pergunta a Alcibiades: o que é essa concórdia, em que consiste ela? Alcibiades não pode responder. Como não pode responder, o pobre rapaz se desespera. E afirma: “não sei mais o que digo. É possível, verdadeiramente, que eu tenha vivido desde muito tempo em um estado de vergonhosa ignorância, sem sequer me perceber?”. (FOUCAULT, 2010, p. 34).

Essa passagem é interessante porque nos faz perceber que qualquer coisa que Alcibiades fizer ninguém vai poder auxiliar, porque a decisão de permanecer ou sair da ignorância deve partir dele próprio. Nesse sentido Sócrates quer que o próprio Alcibiades tome e assuma os seus erros e a sua vida, haja vista que isso é fruto da própria constituição e escolha de si. Contudo, a insuficiência da educação de Alcibiades também nos faz perceber que, se o sujeito não está ocupado consigo mesmo, não pode governar bem aos outros, tampouco governar a cidade. É nesse sentido que o sujeito deve estar revestido com a sabedoria do cuidado de si, este é o ponto chave que Sócrates chama a atenção, para que se perceba que o diálogo com Alcibiades não se trata de um cuidado com a cidade, mas sim de si mesmo.

Alcibiades não tinha a noção do que seria o bem para a cidade e em que consistia a concórdia dos cidadãos, deste modo, para governar a cidade, para ocupar-se com os seus concidadãos, ele deveria ocupar-se consigo mesmo, para ocupar poder com os outros. Alcibiades a partir do momento em que se compromete a seguir as lições de Sócrates, seu mestre, está ao mesmo tempo atento a ocupar tanto de sua alma, mas também para as questões da cidade, na garantia de equilibrar as relações entre os cidadãos. Isso nos permite a dizer que para Foucault o sujeito político é aquele que sabe o que é política e, por conseguinte pode governar, outrossim, o sujeito político é aquele que possui vínculos de reciprocidade, pois é aquele que ocupa a si mesmo para a prosperidade, à salvação, ou seja, para a prosperidade de todos os cidadãos.

Para Foucault, o cuidado de si é ao mesmo tempo ético e político. Político porque o sujeito não se torna mais escravo dos seus desejos, apetites, paixões, ambições, sobre as quais é construído uma relação de domínio sobre si, que, no caso do bom governante, ter controle

sobre si, implica em não ser um tirano em suas ações tanto em sua casa, no trabalho, no governo da cidade, portanto, significa a como diz Foucault “a arte de governar”, sem que haja o perigo do abuso de poder. Nesse aspecto, “o cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse *êthos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros”. (FOUCAULT, 2012, p. 264), o que remete a dizer que exercer forte autoridade sobre o outro, significa que o sujeito não possui controle sobre si.

Cuidar de si é uma atividade de toda a vida, que deve ser praticada por toda a existência. No caso de Alcibíades, esse cuidado se faz necessário para que ele não viesse a cuidar daquilo que poderia afastar de si mesmo. Dessa maneira, a relação erótica pedagógica de Sócrates para com Alcibíades, se tornou interessante porque o fez conduzir para um não saber. Então, é necessário que, para todo aquele que deseja cuidar de si, ter que colocar o conhecimento de si na base de qualquer tipo de conhecimento. Foi o que Sócrates fez ao apresentar uma série de questionamentos a fim de mostrar a Alcibíades que para se cuidar de qualquer coisa na sociedade, primeiramente deve-se saber o que é essa coisa. Vejamos:

Sócrates – podemos conhecer a arte que nos melhora a nós mesmos, se não soubermos o que somos?

Alcibíades – absolutamente impossível.

Sócrates – mas será fácil o conhecimento de si mesmo e seria um ignorante quem escreveu aquele preceito no templo de Apolo em Delfos? Ou será, pelo contrário, muito difícil e dado a poucos homens?

Alcibíades – julguei, muitas vezes, Sócrates, que era dado a todos e, muitas outras, que era extremo difícil.

Sócrates – fácil ou difícil, quando o soubermos saberemos, o cuidado que devemos ter com nós. E, enquanto ignorarmos, nunca poderemos saber a natureza desse cuidado. (BENEDITO DE OLIVEIRA, 2011, pg. 43 apud PLATÃO 1989, pg. 43).

Nessa passagem podemos perceber que Sócrates quer fazer perceber qual a natureza do cuidado de si, ou seja, qual é o eu com a qual devo me ocupar. Nesse sentido, fez Alcibíades reconhecer a sua própria ignorância, esta, que se trata de uma relação difícil, pois voltar para si mesmo é quase como uma relação *agonística* de si consigo mesmo, pois são poucos os que voltam-se para si mesmo. Deste modo, o diálogo de Sócrates com Alcibíades, o faz perceber que nada sabe, pois tudo aquilo que concerne ao conhecimento de si, Alcibíades ignorava, quando julgava ter um conhecimento que não possuía. Desta forma, o si que se deve ocupar primeiramente é o cuidado com a alma. Ter o cuidado com a alma é muito mais do que qualquer esforço físico, é bem mais do que qualquer riqueza, é bem mais do que o poder da oratória para estar à frente do poder da cidade, é bem mais do que a melhor educação da polis. É necessário, mesmo que seja um processo difícil, conhecer a alma para que o sujeito possa



conhecer-se a fim de tornar-se melhor para, visar tanto o bem a si mesmo, como ao bem dos outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a última fase do pensamento de Foucault se torna interessante porque percebemos como os gregos construíram suas subjetividades a partir do cuidado de si, onde compreendemos por subjetividade a maneira pela qual o sujeito faz da experiência de si mesmo um jogo de verdade, ao se relacionar consigo mesmo. Dessa forma, cuidar de si exige o conhecimento de si, sobre a qual o sujeito torna-se objeto de conhecimento de si mesmo. Assim, o sujeito é levado a se observar, se analisar, para se reconhecer como sujeito de prazer e de desejo.

O retorno de Foucault para o mundo Greco-romano não se tratou de um retorno nostálgico, mas para trazer aos nossos dias o tema do cuidado de si, a fim de mostrar a possibilidade de problematizar, em todos os tempos, a relação que o sujeito tem consigo mesmo e com os outros, pois os textos antigos que Foucault analisou, possibilitam aos sujeitos a pensarem suas próprias existências, problematizando, portanto, a existência humana. Para Foucault, não se trata de um retorno nostálgico, mas o que interessou fora a forma e as técnicas de condução da própria vida, desenvolvidas pelos antigos, a fim de problematizarem a vida, para transformarem e uma obra de arte. A antiguidade criou meios de viver a vida de forma inusitada, diferenciada, criando artes da existência, que eram meios de resistência contra as normalizações, sobre a qual a arte de viver se dá durante toda a vida, muita ou quase todas as vezes como recusa e resistência contra as normas prescritivas e normalizadoras.

Outra questão é que o cuidado de si está ligado ao cuidado dos outros. Então, o cuidado de si, implica na relação com um outro, a partir do momento em que visa as lições de um mestre, como abordamos na relação erótico pedagógica de Sócrates com Alcibiades, mas também visa sempre o bem dos outros, haja vista que um bom governante é aquele que possui o domínio de si mesmo, o que lhe faz permitir administrar bem os espaços, seja a casa, seja a cidade, residindo, portanto, na arte de bem governar. Isto remete a dizer, que um bom governante é aquele que não é escravo de seus próprios apetites, para que não haja abuso de poder. Outrossim, o bom governante é aquele que exerce o poder de forma adequada, exercendo ao mesmo tempo o poder sobre si mesmo, pois é o poder sobre si que regula o



poder sobre os outros. É assim que percebemos ao longo de nosso texto que as relações com os outros está presente ao longo do desenvolvimento do cuidado de si.

O retorno de Foucault à antiguidade clássica permitiu ao pensador trazer da Grécia algo de novo para pensar questões para a atualidade. Ao mostrar que no mundo grego os sujeitos tiveram possibilidades de terem atitudes críticas sobre si, a partir das experiências de si, para se relacionar com o mundo em suas voltas, nos possibilita pensar que os sujeitos no presente, desenvolvam atitudes para que não haja conformismo com estruturas de poder que moldam as subjetividades, mas que possibilite ser o que se é além dos determinismos e das estruturas de poder, que dizem ser essenciais à formação e aceitação social. O trabalho de Foucault possibilitou pensar a ética fora do modelo que determina os nomes e os valores previamente. A ética do cuidado de si possibilita ao sujeito modificar a sua relação consigo, a fim de problematizar a própria existência e criar para si uma ética pessoal, singular, de modo que estilize cada instante de seu agir e existir. Deste modo, Foucault chama a atenção para que os sujeitos possam elaborar formas de vida livres e autônomas dentro de sistemas sócio políticos que submetem pessoas às práticas divisórias, disciplinares, normalizadoras. Além disso, o trabalho do autor chama a atenção para dizer que essa luta não leva ao individualismo, haja vista que a resistência é iniciada na subjetividade e se prolonga na esfera pública, na constante tarefa de criar e recriar novas experiências tanto pessoais como coletivas.

## **THE SI CARE AND RELATIONSHIPS WITH OTHERS IN PHILOSOPHY OF MICHEL FOUCAULT**

### **ABSTRACT**

This work aims to discuss the third phase of the thought of Michel Foucault, who develops a reflection on the possible construction of an ethic. In this sense, we will examine how Foucault, Hermeneutics of the subject turns to classical culture, more precisely, to the Greeks, where he realizes how is the ethics of self-care as a practice of freedom. For this, we work on two guiding chapters. At first we propose to a discussion of the relationship of himself to himself, but also to analyze the maximum Socratic's "Take care you of yourself" in order to realize that within this precept, are constituted various practices of the self, because caring for itself already implies knowing yourself. In the second phase, we will understand how to give the practices of the self in relationships with others, on which care for themselves is also reflect to better govern the polis, the home community. Thus, the ethos that is the way of being and conduct, also implies in relations with others.

**KEY-WORDS:** care of themselves; Hermeneutics of the subject; Care of others.

## REFERÊNCIAS

BENEDITO DE OLIVEIRA, Gilberto. **Cuidado de si na Hermenêutica do sujeito em Foucault**: dissertação de mestrado em filosofia. UFRN. 2011.

CLARET, Martin (org.), **Pensamento vivo: Sócrates**. São Paulo- SP: Martin Claret, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2ª Ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DÍAZ, Esther. **A Filosofia de Michel Foucault**. São Paulo: Unesp, 2012.

DREYFUS, HUBERT L; RABINOW, PAUL. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3º ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. 3º ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga**. 6º ed, São Paulo- SP: Loyola. 2014.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates / Banquete**. 7º ed, São Paulo- SP: Martin Claret. 2013.

RAGO, Margareth (Org). **Figuras de Foucault**: organizado por Margareth Rago e Alfredo Veiga Neto. 2º ed, Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos essenciais**. São Carlos- SP: Claraluz, 2005.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2º ed. Belo Horizonte: Autentica 2007.